Textos de Epicuro

Dr. Joaquim José de Moraes Neto

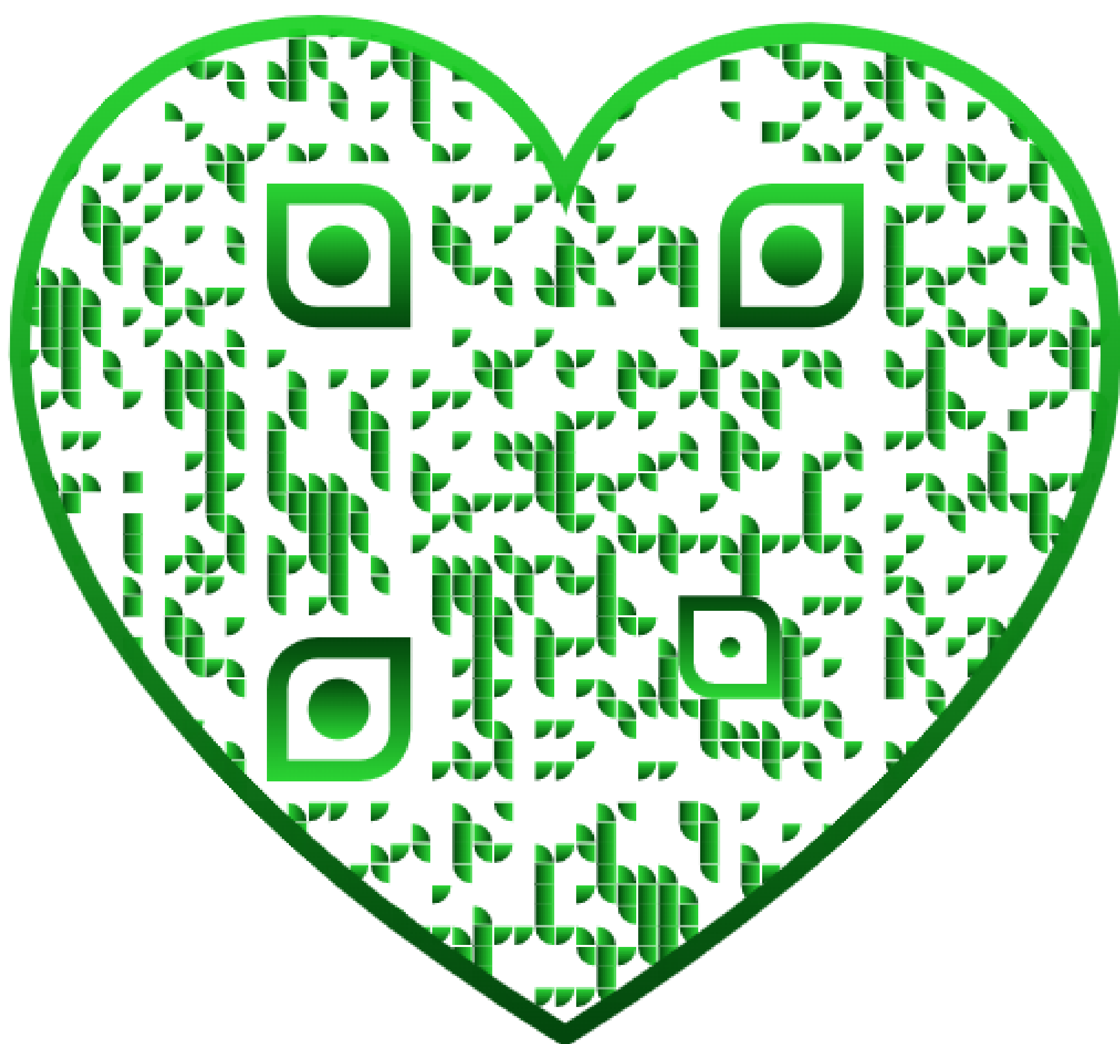
Nota introdutória: para a tradução denta Antologia, servimo-nos do texto grego *CARTA A HERÓDOTO* da Loeb Classical Library, confrontado com o texto recente da editora Rizzoli em suas respectivas traduções, bem como nas de Maurice Solovine e de Margherita Innardi Parente. Essas obras estão elencadas na Bibliografia.

POR ONDE COMEÇAR A FILOSOFAR

Como são muitos, caro Heródoto, os que não estão em condições de estudar com atenção tudo que escrevi sobre a natureza, nem de examinar atentamente meus escritos mais extensos, compus um resumo de - toda minha filosofia, para que guardem bem na memória as doutrinas principais e possam, na medida em que se consagrarem ao estudo da natureza, recorrer a ela em seus pontos mais importantes. Até aqueles que estão suficientemente avançados na investigação do Universo devem manter na memória o esquema fundamental de toda a doutrina.

Pois, da visão de conjunto, sempre teremos necessidade, mas não ocorre o mesmo com os pormenores. Por conseguinte, é preciso, de um lado, progredir continuamente na investigação do Universo e, de outro, fixar na memória aquilo que é necessário para se ter uma visão das coisas principais. Obter-se-á assim, uma vez que as características principais terão sido bem compreendidas e memorizadas, um conhecimento completo dos pormenores. Pois mesmo aquele que é perfeitamente instruído tirará do conhecimento completo e preciso esta vantagem capital de manejar as noções com penetração, exprimindo todas as coisas em elementos simples e em fórmulas. Não se pode conhecer a massa acumulada pelo estudo perseverante do Universo sem ser capaz, ao mesmo tempo, de abraçar pelo espírito, por meio de fórmulas breves, os detalhes explorados cuidadosamente.

Dado pois que tal método é útil a todos os que se consagram às pesquisas físicas [...], compus para ti esse resumo e exposição elementar de minhas doutrinas. Em primeiro lugar, caro Heródoto, é preciso esclarecer o que está no fundo das palavras, para que possamos nelas nos apoiar para formular um juízo sobre as opiniões, as questões em exame



ou que levaram a um impasse, de modo a que todas as coisas não permaneçam incertas para nós e nos obriguem a discuti-las indefinidamente. Senão, só possuiríamos palavras vazias. É, com efeito, necessário que o significado primitivo de cada palavra seja posto em evidência e não necessite mais de provas, se queremos possuir algo ao qual possamos relacionar o objeto em discussão ou o assunto de dúvida ou a opinião. Ademais, é preciso observar de uma maneira completa as sensações e as noções reais, sejam do espírito ou de outro critério, e mesmo as afeições dominantes, a fim de poder, com sua ajuda, dar indicações sobre o que está em suspenso e sobre o invisível.

O FUNDAMENTO INVISÍVEL: ÁTOMOS E VAZIO

Estabelecidos esses pontos, convém agora fixar a atenção nas coisas invisíveis. Em primeiro lugar, nada nasce do nada; de outra forma, tudo poderia nascer de tudo sem necessidade de nenhuma semente. E se aquilo que desaparece tivesse sido reduzido ao não-ser, todas as coisas teriam perecido, dado que aquelas em que teriam se dissolvido não seriam nada. O Universo sempre foi o mesmo que é agora e será o mesmo por toda eternidade. Com efeito, não há nada em que ele possa transformar-se, pois não existe nada fora do Universo que possa nele penetrar e provocar uma mudança.

O Universo está constituído de corpos e de vazio. Que os corpos existem, a sensação o atesta em toda ocasião, e é necessariamente em conformidade com ela que fazemos, pelo raciocínio, conjecturas sobre o invisível... Se, por outro lado, não houvesse o que chamamos de vazio, espaço ou natureza impalpável, os corpos não teriam onde se localizar nem onde se mover; é porém evidente que se movem. Nada se pode conceber, além dessas coisas, nem pelo conceito ou de forma análoga, que possa ser tomado por substâncias perfeitas e não pelo que chamo de atributos ou acidentes destas últimas.

Entre os corpos, há os que são compostos e outros dos quais os compostos são constituídos. Estes últimos são indivisíveis e imutáveis, se não quisermos que todas as coisas sejam reduzidas ao não-ser, mas que permaneçam, após a dissolução dos compostos, elementos resistentes de uma natureza compacta e que não possam, de nenhuma maneira, ser dissolvidos. Portanto, os princípios indivisíveis são necessariamente as substâncias dos corpos.

O Universo é infinito. Com efeito, o que acaba tem uma extremidade, mas esta é determinada em relação a algo que lhe é externo. De modo que, se ele não tem extremidade, não tem fim, e se ele não tem fim, não é finito, e sim infinito. O Universo &ainda infinito quanto à quantidade de corpos e à extensão do vazio. Pois, caso o vazio fosse infinito e o número de corpos finito, estes não permaneceriam em lugar algum, mas seriam transportados e dispersados pela imensidão infinita do vazio, já que, sem se entrechocarem, careceriam de pontos de apoio e não seriam rebatidos. Se, por outro lado, o vazio fosse limitado, não haveria lugar para conter os corpos em número infinito. Ademais, os corpos indivisíveis e compactos, dos quais os compostos são formados e aos quais se reduzem, são de uma variedade indeterminável de formas.

Com efeito, não poderiam resultar tantas variedades de formas em número limitado. Cada forma é representada por um número infinito de átomos; quanto à diversidade das formas, seu número não é absolutamente infinito, mas somente indefinido, a menos que se pretenda considerar igualmente o número de átomos como podendo estender-se ao infinito. Os átomos movem-se continuamente desde sempre: uns (ao entrechocar-se) afastam-se para longe dos outros; outros, ao contrário, entram em vibração tão logo aconteça de estarem ligados por entrelaça mento ou quando estão envoltos por átomos próprios a entrelaçar-se. Está na natureza do vazio separar os átomos uns dos outros, já que não pode fornecer-lhes um suporte e a dureza inerente aos átomos os faz rebaterem-se com o choque, à medida que o entrelaçamento lhes permite retornar, após o choque, ao estado anterior. Não há começo para esse processo, dado que os átomos e o vazio existem pela eternidade. A breve exposição de todos esses fatos, dignos de serem guardados na memória, oferece um plano suficiente para a reflexão sobre a natureza das coisas.

Da mesma forma, os mundos são em número infinito, tanto os que se parecem com o nosso quanto os que dele diferem. Com efeito, os átomos, sendo em número infinito, como acabou de ser demonstrado, são também levados para extremamente longe. Pois esses átomos que dão origem a um mundo ou que o constituem não se esgotam na formação de um só mundo ou de um em número finito de mundos, sejam eles semelhantes ou diferentes do nosso. Nada, por conseguinte, opõe-se à existência de uma infinidade de mundos.

OS SIMULACROS

Há também imagens com a mesma forma dos corpos sólidos, que se distinguem dos fenômenos por sua extrema finura. De nenhuma forma é impossível que tais emanações se produzam na atmosfera, nem que haja condições favoráveis para a produção de formas ocas ou tênues, nem ainda que os eflúvios mantenham a posição relativa e a ordem que tinham nos objetos reais. Chamamos essas imagens de simulacros. Em seu movimento através do vazio, eles percorrem, se nenhum obstáculo devido à colisão de átomos intervier, qualquer distância imaginável num tempo imperceptível. Pois a resistência nos aparece como lentidão e a não resistência como velocidade. Ademais, é preciso acrescentar que a gênese dos simulacros ocorre com a rapidez do pensamento e que a emanação da superfície dos corpos é contínua, sem que nenhuma diminuição seja visível porque a perda é recuperada.

Os simulacros conservam por muito tempo a ordem e a posição dos átomos no objeto do qual emanam, se bem que possam, por vezes, embaralhar-se e, como não é necessário que formem uma representação compacta, agrupam-se rapidamente na área circundante. Fenômenos desse gênero podem também se produzir de muitas outras maneiras. Nada disso está em contradição com o testemunho dos sentidos se, com a devida atenção, consideramos o modo como os estímulos sensórios nos fazem receber a imagem dos objetos externos. Convém ainda notar que vemos as formas e pensamos porque algo dos objetos exteriores penetra em nós. Pois as coisas não poderiam, por intermédio do ar que se encontra entre nós e elas, nem por meio de raios luminosos ou de quaisquer outras emanações que iriam de nós até elas, imprimir-nos suas cores e suas formas tão bem quanto através de certas cópias que delas se destacam e se assemelham pela cor e pela forma e que, segundo seu tamanho apropriado, penetram em nossos olhos ou em nosso espírito. Elas se movem muito rapidamente e, por essa razão, reproduzem a imagem de um todo coerente, mantendo com ele a relação natural graças à pressão uniforme que advém da vibração dos átomos no interior do corpo sólido. E qualquer que seja a imagem que recebemos imediatamente pelo espírito ou pelos sentidos, de uma forma ou de atributos, é a forma do objeto real produzida pela freqüência sucessiva ou a lembrança de um simulacro. Mas o falso julgamento e o erro residem sempre naquilo que é acrescentado pela opinião.

As imagens que vemos, por exemplo, num espelho, as que aparecem durante o sono, as que estão contidas em certas noções do entendimento ou em outros critérios, não teriam semelhança com os objetos chamados reais se estes não as emitissem. E o erro não existiria

se não experimentássemos, em nosso interior, um certo movimento que está, decerto, ligado à faculdade imaginativa, mas que, entretanto, apresenta uma particularidade distintiva. Se esta não for confirmada ou infirmada, estamos cometendo erro; mas se esta for confirmada ou não for infirmada, estamos certos. Importa muito reter esse princípio para que os critérios evidentes não sejam destruídos e que o erro, sendo reafirmado como uma verdade, não ponha tudo em desordem. Também a audição tem por causa uma corrente que parte do objeto que produz um fenômeno, um som, um barulho ou uma afecção auditiva qualquer. Essa corrente se propaga por partes semelhantes que guardam entre si uma certa relação e uma unidade característica, que se prende ao objeto emissor e produz, o mais freqüentemente, a sensação que lhe corresponde ou torna simplesmente manifesta a existência do objeto externo. Pois, sem uma certa relação com este, uma sensação desse tipo não poderia nascer.

POSIÇÕES RELATIVAS NO ESPAÇO ABSOLUTO

Não se pode, ademais, atribuir ao infinito o alto ou o baixo no sentido do alto absoluto ou do baixo absoluto. Pois, por mais alto que nos elevemos a partir do lugar em que estamos colocados, acima da cabeça até o infinito, nunca nos aparecerá o ponto extremo. Aquilo que, de outra parte, estende-se ao infinito acima desse lugar imaginado não pode estar, ao mesmo tempo, em cima e em baixo em relação ao mesmo ponto; isso é completamente inconcebível.

É preciso, assim, considerar distintamente o movimento que se efetua no infinito para cima e aquele que se efetua no infinito para baixo, mesmo se o móvel que se dirige para cima toca mil e mil vezes os pés dos que habitam acima de nós, ou que aquele que se dirige para baixo toque mil e mil vezes a cabeça dos que se encontram abaixo de nós. O movimento em seu conjunto não é menos concebido como efetuando-se em sentidos opostos um ao outro no infinito.

Os átomos têm necessariamente a mesma velocidade quando, ao se deslocar através do vazio, não encontram nenhum obstáculo. Pois os átomos pesados não se movem mais depressa que aqueles que são pequenos e leves, a partir do momento que nada lhes resiste. Os átomos pequenos, por sua vez, não se movem mais rapidamente que os grandes, dado que encontram todos uma passagem fácil quando não enfrentam obstáculos. Não há

diferença de velocidade entre o movimento para o alto e o movimento oblíquo, determinado pelos choques, e aquele que se efetua para baixo em virtude do peso próprio dos átomos. Enquanto o átomo conservar um ou outro desses movimentos, ele se deslocará com a rapidez do pensamento até o momento em que, por uma causa exterior ou por seu peso próprio, for levado a reagir contra um impulso recebido.

Composição da alma

Após isto, é preciso reconhecer, ao se referir às sensações e aos sentimentos – pois, ao assim proceder, chegar-se-á à certeza inabalável -, que a alma é um corpo composto de partículas sutis, que se encontra disseminada em todo o agregado que constitui nosso corpo e que, além disso, se parece com um sopro misturado com calor, aproximando-se em parte de um e em parte de outro. Mas uma certa parte da alma distingue-se notadamente destas últimas propriedades por ser extremamente tênue e estar assim mais intimamente associada a nosso corpo. É o que põem em evidência as forças da alma, seus afetos, a facilidade de seus movimentos, seus pensamentos e tudo cuja privação acarreta nossa morte. Também é preciso lembrar que a alma é a causa principal da sensibilidade. Mas não poderia sê-lo se não estivesse, de alguma forma, abrigada pelo organismo. Este, ao permitir que a alma produza a sensibilidade, participa, por sua vez, das faculdades da alma. Por isso perde a sensibilidade quando a alma se retira.

O corpo não adquiriu, por si mesmo, esta faculdade (de sentir), mas é a alma, nascida com ele, que a proporciona. É por isso que, enquanto a alma permanece no agregado corpóreo, ela não pára de sentir, mesmo se ele perdeu alguma de suas partes; e qualquer parte da alma que pereça porque o envoltório corpóreo que a abriga se destrói, total ou parcialmente, desde que ela própria subsista, conservará a faculdade de sentir. Ao contrário, o organismo que permanece, inteira ou parcialmente, não possuirá mais sensibilidade se a quantidade de átomos constitutiva da natureza da alma desapareceu.

Mas quando o organismo inteiro se dissolve, a alma se dispersa, não possui mais as mesmas faculdades, não é mais excitada e é, assim, privada de sensibilidade. Pois não se pode conceber que a alma que não se encontra mais no organismo possa, apesar de tudo, quando seu invólucro protetor não é mais aquele em que se encontra atualmente, sentir as mesmas excitações que neste último.

CARTA A MENEQUEU

[ANÁLISE DOS PRAZERES]

É preciso considerar que, entre os desejos, alguns são naturais, outros vazios, que, entre os desejos naturais, uns são necessários, outros, simplesmente naturais; dentre os que são necessários, uns são necessários à felicidade, outros à própria vida. É ajusta compreensão dessas coisas que permite referir toda escolha e toda recusa à saúde do corpo e à ataraxia da alma, já que nisso está a finalidade da vida feliz. Pois agimos sempre para evitar a dor e o medo. Quando o conseguimos, toda a turbulência da alma se dissipa, já que o vivente não mais tem de perambular como se buscasse algo ausente nem procurar alguma coisa para satisfazer o bem do corpo e o bem da alma. Só precisamos do prazer quando sofremos por sua falta; mas quando não sofremos, não temos nenhuma necessidade de prazer. Por isso dizemos que o prazer é o começo e o fim da vida feliz. É ele que reconhecemos como o bem primitivo e natural e é a partir dele que se determinam toda escolha e toda recusa e é a ele que retornamos sempre, medindo todos os bens pelo cânon do sentimento.

Exatamente porque o prazer é o bem primitivo e natural, não escolhemos todo e qualquer prazer; podemos mesmo deixar de lado muitos prazeres quando é maior o incômodo que os segue; e consideramos que muitas dores são melhores do que os prazeres quando conseguimos, após suportá-las, um prazer ainda maior. Todo prazer é portanto bom porque seu vínculo conosco é congênito; no entanto, não convém buscar todo e qualquer prazer. Do mesmo modo, toda dor é um mal e no entanto nem todas são de natureza a nos fazer fugir. É por comparação e pelo exame dos benefícios e dos inconvenientes que devemos avaliar todas essas coisas.

Há casos, com efeito, em que o bem pode ser para nós um mal e, reciprocamente, um mal pode se tornar um bem. Julgamos também que a independência é um grande bem, não porque devamos sempre nos contentar com pouca coisa, mas a fim de que, se nos faltar a abundância, possamos satisfazer-nos com pouco, verdadeiramente convencidos de que os que encontram na abundância os mais doces prazeres são os que dela menos precisam e que tudo que é natural é fácil de obter, mas não o supérfluo. Sabores simples nos trazem prazer igual ao de uma suntuosa refeição, uma vez saciada a dor que a carência engendra; o pão e a água produzem o mais alto prazer quando aquele que precisa deles os leva aos lábios.

Acostumar-se com a simplicidade e frugalidade assegura plena saúde e deixa o homem disposto para os esforços úteis de sua vida e quando, uma vez ou outra, desfrutar do luxo, será da melhor maneira, sem temor dos dias difíceis.

O BEM SUPREMO

Quando dizemos que o prazer é a meta, não nos referimos aos prazeres dos depravados e dos bêbados, como imaginam os que desconhecem nosso pensamento ou nos combatem ou nos compreendem mal,e sim à ausência de dor psíquica e à ataraxia da alma. Não são com efeito as bebedeiras e as festas ininterruptas, nem o prazer que proporcionam os adolescentes e as mulheres, nem comer peixes e tudo mais que uma rica mesa pode oferecer que constituem a fonte de uma vida feliz, mas aquela sóbria reflexão que examina a fundo as causas de toda escolha e de toda recusa e que rejeita as falsas opiniões, responsáveis pelas grandes perturbações que se apoderam da alma. Princípio de tudo isso e bem supremo é a prudência. Por isso, ela é ainda mais digna de estima do que a filosofia.

MÁXIMAS FUNDAMENTAIS

I - O ser bem-aventurado e imortal está livre de preocupações e não as causa a outrem, de modo que não manifesta nem cólera nem bem-aventurança: tudo isso é próprio da fraqueza.

II - A morte não é nada para nós, pois o que se dissolve está privado de sensibilidade e o que está privado de sensibilidade não é nada para nós.

III – O limite da grandeza dos prazeres é a eliminação de tudo que provoca dor. Onde estiver o prazer e enquanto ele aí permanecer, não haverá lugar para a dor ou o sofrimento, juntos ou separados.

IV - A dor não dura de forma contínua na carne. A que é extrema dura muito pouco tempo e a que ultrapassa em pouco o prazer corporal não persiste por muitos dias. Quanto às doenças que se prolongam, elas permitem à carne sentir mais prazer que dor.

V - Não é possível viver feliz sem ser sábio, correto e justo, [nem ser sábio, correto e justo] sem ser feliz. Aquele que está privado de uma dessas coisas, como, por exemplo, da sabedoria, não pode viver feliz, mesmo se for correto e justo.

VI - Os meios de viver com segurança em relação aos homens são bens conformes à natureza, qualquer que seja a maneira pela qual os consigamos.

VII - Algumas pessoas desejam adquirir grande fama e se tornar célebres, acreditando assim estar em segurança diante dos homens. Se, dessa forma, a vida delas estiver ao abrigo de qualquer perigo, terão, com efeito, obtido um bem conforme à natureza; mas se ela [a vida] não estiver isenta de perturbações, elas não terão obtido aquilo a que tinham inicialmente aspirado, seguindo a inclinação de sua natureza.

VIII - Nenhum prazer é em si um mal, mas as coisas que nos proporcionam certos prazeres acarretam sofrimentos às vezes maiores que os próprios prazeres.

IX - Se todo prazer pudesse acumular-se, se persistisse no tempo e percorresse a composição toda de nosso corpo, ou pelo menos as principais partes de nossa natureza, então os prazeres não difeririam entre si.

X - Se as coisas que proporcionam prazeres aos dissolutos pudessem livrar o espírito das angústias que sofre sobre os fenômenos celestes, a morte e os sofrimentos e se, ademais, elas lhes ensinassem o limite dos desejos, não teríamos nada para repreendê-los, já que estariam mergulhados em prazeres sem nenhuma mistura de dor e de tristeza, que constituem precisamente o mal.

XI - Se nunca estivéssemos perturbados pelo temor dos fenômenos celestes e da morte, inquietos com o pensamento de que esta pudesse afetar-nos, e se não desconhecêssemos os limites próprios às dores e aos desejos, não teríamos necessidade de estudar a natureza.

XII - Aquele que não conhece a fundo a natureza, mas se contenta com conjecturas mitológicas, não poderá liberar-se do temor que sente a respeito das coisas mais importantes, de modo que, sem o estudo da natureza, não e possível desfrutar de prazeres puros.

XIII - De nada serve adquirir a segurança em relação aos homens se as coisas que se passam acima de nós, aquelas que se encontram sob a terra e aquelas que se espalham pelo espaço infinito nos inspiram temor.

XIV - Ainda que possamos até certo ponto nos colocar em segurança perante os homens, por meio do poderio e da riqueza, obtemos uma segurança ainda mais completa vivendo tranqüilamente longe da multidão.

XV - A riqueza que é conforme à natureza tem limites e é fácil de adquirir, mas aquela imaginada pelas vãs opiniões é sem limites.

XVI - A fortuna tem pouco efeito sobre o sábio; é sua razão que regula as coisas maiores e mais importantes durante toda a duração de sua vida.

XVII - O justo goza de uma perfeita tranqüilidade de alma; o injusto, em compensação, está cheio da maior perturbação.

XVIII - O prazer na carne não pode aumentar quando a dor causada pela necessidade é suprimida, ele pode somente se diversificar. Na alma, o limite do prazer é atingido pela meditação sobre aquelas coisas mesmas e as que lhes são conexas, que haviam provocado extremas angústias.

XIX - O tempo infinito contém a mesma soma de prazer que o tempo finito se medirmos pela razão os limites do prazer.

XX - A carne considera os prazeres como sendo ilimitados, e seria necessário um tempo infinito para satisfazê-la. Mas a inteligência, que determinou o objetivo e os limites da carne e nos liberou do temor em relação à eternidade, preparou-nos uma vida perfeita e não temos mais necessidade de uma duração infinita. Ela não foge, todavia, do prazer e, quando as circunstâncias obrigam a deixar a vida, não sente ter sido privada daquilo que a vida oferecia de melhor.

XXI - Aquele que conhece perfeitamente bem os limites que a vida nos traça sabe o quanto é fácil conseguir aquilo que suprime a dor causada pela necessidade e torna a vida inteira perfeita, de forma que não necessita mais de coisas cuja aquisição exija esforços excessivos.

XXII - Não devemos perder de vista o objetivo que nos fixamos nem a evidência sensível à qual ligamos nossas opiniões, senão tudo estaria cheio de confusão e de perturbação.

XXIII - Se combates todas as tuas sensações, não terás nada como referência para discernir exatamente aquelas que consideras falsas.

XXIV - Se rejeitas pura e simplesmente uma sensação qualquer, em vez de distinguir, de um lado, a opinião que ainda espera ser confirmada e, de outro, aquilo que efetivamente se origina da sensação, das emoções e das idéias que as representam, tornarás confusas as demais sensações por causa dessa vã opinião e, assim, destruirás o próprio critério. E se, por outro lado, considerares em tuas concepções e conjecturas como igualmente certo aquilo que demanda ser confirmado e aquilo que não precisa mais de

provas, não escaparás ao erro e tornarás assim impossível toda argumentação e todo julgamento sobre o verdadeiro e seu contrário.

XXV - Se não efetuas, em todas as circunstâncias, a ligação entre cada um de teus atos e o objetivo da natureza, e dele te desvias, seja para evitar, seja para perseguir um objetivo qualquer, teus atos não serão conformes à tua doutrina.

XXVI - Todos os desejos que não provocam dor quando permanecem insatisfeitos não são necessários, mas podem ser facilmente reprimidos se nos parecem difíceis de realizar ou capazes de nos causar danos.

XXVII - De todos os bens que a sabedoria nos proporciona para a felicidade de toda nossa vida, o da amizade é de longe o maior.

XXVIII - O mesmo conhecimento que nos torna corajosos diante do perigo, ensinando-nos que ele não dura sempre e nem mesmo muito tempo, ensina-nos também que a amizade é a melhor garantia de segurança em nossa precária condição.

XXIX - Entre os desejos, há os que são naturais e necessários, outros que são naturais, mas não necessários, outros enfim que não são nem naturais nem necessários, mas produtos de uma vã opinião.

XXX - Todos os desejos naturais que não provocam dor quando permanecem insatisfeitos e que, entretanto, implicam um esforço contínuo, são produto de uma vã opinião e não é sua natureza própria que torna impossível reprimi-los, mas a idéia quimérica do homem.

XXXI - O direito natural é uma convenção utilitária feita com o objetivo de não se prejudicar mutuamente.

XXXII - Relativamente aos animais que não puderam concluir um pacto com o objetivo de não se causar danos mutuamente, não há nada que seja justo ou injusto. Tampouco há em relação aos povos que não puderam ou não quiseram concluir tais pactos com o objetivo de não causar e não sofrer danos.

XXXIII - A justiça não existe em si mesma, mas só nas relações recíprocas e naqueles lugares em que se concluiu um pacto para não causar e não sofrer danos.

XXXIV - A injustiça não é em si um mal, este reside no medo aterrorizante de não escapar àqueles que têm por função castigar os culpados.

XXXV - Não é possível que aquele que comete, às escondidas, algo contra a convenção de não se prejudicar mutuamente possa ter a certeza de que não será descoberto, mesmo se, no momento, puder escapar mil vezes, pois, até o final de sua vida, não terá certeza de não ser pego.

XXXVI - Em geral, a justiça é a mesma para todos, dado que ela representa uma vantagem para as relações sociais. Mas, considerando cada país em particular e outras circunstâncias determinadas, a mesma coisa não se impõe a todos como justa.

XXXVII - Entre as prescrições editadas como justas pelas leis, aquela que recebe confirmação de ser útil à comunidade é justa, quer seja a mesma para todos os homens, quer não. Mas se alguém estabelecer uma lei que não for vantajosa para a comunidade, essa lei de nenhum modo possui a natureza do justo. E mesmo quando a utilidade inerente à justiça não se faz mais sentir, após ter sido durante certo tempo conforme a essa prenoção, não terá sido menos justa durante esse intervalo de tempo para todos aqueles que não se deixam levar por frases ocas, mas fixam sua atenção sobre os próprios fatos.

XXXVIII - Ali onde se torna manifesto, sem que as circunstâncias tenham mudado, que as leis estabelecidas como justas acarretam conseqüências que não são conformes à prenoção de justiça, tais leis não são justas. E quando, em conseqüência de uma mudança das circunstâncias, as leis estabelecidas como justas não se mostram mais úteis, elas não deixarão de Ter sido justas no momento em que ofereciam utilidade às relações sociais entre os cidadãos da mesma comunidade. Elas posteriormente deixaram de ser justas por não mais serem úteis.

XXXIX - Aquele que sabe encarar corretamente aquilo que as coisas exteriores podem apresentar de inquietante consegue tornar próximas as que são acessíveis e, das que não o são, consegue ao menos que não lhe sejam hostis. Quanto àquelas, enfim, com as quais nem isso é possível, ele as evita e só busca as coisas que lhe são úteis.

XL - Aqueles que têm a possibilidade de colocar-se em segurança relativamente a seus vizinhos convivem da maneira mais agradável e baseada na mais firme confiança. E, após ter gozado de mais perfeita amizade, não se lamentam se algum deles desaparece prematuramente, como se isso devesse inspirar piedade.